



Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2019

A arte, o esporte e os jogos no desenvolvimento integral das crianças e dos adolescentes

Aquiraz e Fortaleza (CE),
25 e 26 de novembro de 2019

São Luís (MA),
28 e 29 de novembro de 2019

Várzea Grande e Cuiabá (MT),
3 e 4 de dezembro de 2019

São Paulo (SP),
10 e 11 de dezembro de 2019



“Para conseguir o melhor aproveitamento acadêmico, o caminho mais eficiente e econômico não é, contra-intuitivamente, o limitadamente focado no aspecto acadêmico, mas o que também aborda o desenvolvimento social, emocional e físico das crianças. Da mesma forma, o caminho melhor e mais eficiente para a saúde física é o que trata também do bem-estar emocional, social e cognitivo. Da mesma forma, o bem-estar emocional depende fundamentalmente do bem-estar social, cognitivo e físico.”

Adele Diamond, neurocientista

Sumário

Apresentação	3
Parte 1 – Palestra Adele Diamond	7
Como desenvolver as funções executivas	12
O estresse e as funções executivas	16
O estresse e outros problemas	19
Automutilação	20
Violência contra a criança	21
Baixa autoestima	21
Comportamento agressivo	22
Parte 2 – Palestra Lino de Macedo	23
O papel simbólico dos jogos	24
Os jogos e as oportunidades de Educação Integral	27
Parte 3 – Palestra Flávio Comim	30
Artes	32
Esportes	34
Parte 4 – Debates	39
Parte 5 – Relatos dos territórios	46
Aquiraz e Fortaleza	47
São Luís	48
Várzea Grande e Cuiabá	50
Parte 6 – O Ciclo de Debates nos Seminários das Redes de Território	53
Aquiraz: preocupação com automutilação e suicídio juvenil	54
São Luís: cultura em alta e preocupação com a violência	59
Várzea Grande e Cuiabá: reforço de parceria com a Educação	62

Apresentação

Com o propósito de contribuir para a reflexão sobre a melhoria da qualidade da Educação, o [Itaú Social](#) realizou, em novembro e dezembro de 2019, mais uma edição do Ciclo de Debates em Gestão Educacional, desta vez abordando a importância da arte, dos esportes e dos jogos no desenvolvimento integral de crianças e jovens. (Os temas dos ciclos anteriores foram: [Regime de colaboração](#); [Formação de lideranças escolares](#); Diretrizes curriculares e expectativas de aprendizagem; Aproximação da família com a escola; A experiência de Singapura; e [Formação de professores no contexto da implementação da BNCC](#).)

Este ano, foram convidados como palestrantes a neurocientista Adele Diamond, diretora do Centro de Neurociência do Desenvolvimento Cognitivo, da Universidade de British Columbia, no Canadá; o educador Lino de Macedo, professor emérito da Universidade de São Paulo, psicólogo especializado em jogos como recurso de observação e promoção dos processos de aprendizagem; e o economista Flávio Comim, da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, que fez a revisão da literatura sobre a relação entre as artes, os esportes e o desenvolvimento humano integral com foco em alunos do Ensino Fundamental.

Tendo tradicionalmente a cidade de São Paulo como sede, este ano o Ciclo de Debates aconteceu em outras cidades brasileiras: Aquiraz, no Ceará; São Luís, capital do Maranhão; e em Cuiabá e Várzea Grande, no Mato Grosso. O evento foi realizado com os seminários anuais do programa Redes de Territórios Educativos – também iniciativa do Itaú Social em parceria com o [Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável \(Cieds\)](#), em

que organizações da sociedade civil que atuam em determinada região são estimuladas a trabalhar na construção de projeto comum voltado à Educação Integral de crianças e adolescentes. “A intenção é articular os saberes da pesquisa acadêmica, gerados e desenvolvidos por competentes pesquisadores universitários, com aqueles dos especialistas na prática, no fazer cotidiano, que estão diretamente envolvidos na ação. Esse é o segredo para alcançar soluções adequadas e sustentáveis para nossos desafios educacionais e sociais”, afirmou Angela Dannemann, diretora-superintendente do Itaú Social, na abertura do encontro.

Em sua fala de acolhimento aos cerca de 350 participantes, presenciais e remotos, que acompanharam pelas redes sociais, Angela defendeu a articulação do governo, do setor privado e da sociedade civil como única maneira de um país tão marcado pela desigualdade, como é o Brasil, ter avanços significativos rumo a uma Educação de qualidade para todos. Para ela, garantir a oportunidade de desenvolvimento pleno para cada criança, adolescente e jovem brasileiros é pensar em programas e políticas que envolvam não somente as escolas mas também outras instituições das áreas da saúde, da assistência social, da cultura e dos esportes, entre outras.

PARTE 1

Palestra Adele Diamond

As lições da neurociência

Diretora do Centro de Neurociência do Desenvolvimento Cognitivo da Universidade de British Columbia, em Vancouver, no Canadá, e membro da Sociedade Real do Canadá, a pesquisadora Adele Diamond foi escolhida como uma das 2 mil mulheres notáveis do século XX e listada entre as 15 neurocientistas mais influentes da atualidade. Suas pesquisas mostram os motivos pelos quais a sociedade não pode menosprezar o valor das brincadeiras e dos esportes na Educação: são áreas fundamentais no aprimoramento das **funções executivas** – conjunto de processos mentais que permite raciocinar e solucionar problemas, compreender o que se lê e se ouve em aula, fazer escolhas, autocontrolar-se, ter disciplina, ser criativo e ajustar-se com flexibilidade a mudanças ou a novas informações.

Ela iniciou sua fala expressando preocupação com a supressão, tanto na escola como em outros espaços, de atividades lúdicas para dar lugar a outras de cunho acadêmico. “Existem muitas habilidades necessárias que, além de ajudar as crianças a desenvolver-se cognitivamente, são fundamentais para que elas sejam felizes e bem-sucedidas, tenham compaixão, cultivem a honestidade e a confiança, permaneçam curiosas e sempre tenham admiração por descobrir coisas novas.”

Adele agrupou as **funções executivas** do cérebro em três blocos, explicados a seguir:

Controle inibitório ou autocontrole

É a capacidade de resistir a uma forte tentação em prol do que é mais apropriado ou necessário; ter atenção focada ou seletiva para executar uma tarefa; esperar a vez – de se manifestar, de ser atendido etc. –; pensar antes de falar para não ofender o outro; não fazer xixi nas calças etc.

Adele exibiu um [vídeo](#) em que um menino de 3 anos concentra-se para montar uma torre com blocos de madeira e desafiou a plateia: “Quantos aqui teriam tido paciência de deixar que ele chegasse sozinho ao objetivo, sem ajudá-lo?”. Ela afirma que a intervenção de um adulto tiraria o orgulho da criança em realizar a tarefa e ela se sentiria fraca

e incapaz: “Deem tempo para que os pequenos descubram caminhos por conta própria, deixem que as soluções venham deles”.

O autocontrole é uma função muito valorizada na vida adulta: controlar-se, não revidar atitudes ofensivas nem expressar em palavras o primeiro pensamento que vem à mente; não decidir no calor do momento nem “chutar” soluções para os problemas antes de refletir sobre eles e procurar mais informações para embasar a decisão. Um [estudo](#) de Terrie Moffit e colegas, de 2011, acompanhou cerca de mil crianças nascidos no mesmo ano e na mesma cidade. O resultado foi que as menos impulsivas, as mais persistentes e com mais foco nas atividades infantis tornaram-se, 32 anos depois, adultos com melhor saúde e qualidade de vida, que recebiam salários mais altos e tiveram menos problemas com a lei.

O controle inibitório ajuda no desenvolvimento da disciplina e da perseverança, qualidades que levam a continuar a execução de uma tarefa apesar do tédio que ela possa causar, das dificuldades ou da tentação de fazer algo mais divertido – aguardando, pois, a recompensa a longo prazo, não imediatamente. Adele cita a [pesquisa realizada em 2005 por Duckworth & Seligman](#), que traz evidências de que a disciplina é mais responsável por boas notas finais nos exames do que o quociente de inteligência(QI), tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior.

Na escola, alunos que têm o controle inibitório desenvolvido podem trabalhar sozinhos ou em pares, liberando o professor para atender os que ainda precisam de apoio para realizar alguma atividade.

Memória de trabalho ou operacional

É a capacidade de ter as informações em mente para usá-las ou brincar com elas, sendo essencial para entender desdobramentos ao longo do tempo, relacionando fatos e situações anteriores com o presente. Adultos e crianças a utilizam, entre outras situações, na linguagem oral do

dia a dia, em que é preciso guardar o que se ouviu para responder ou associar com o que se escuta posteriormente; na compreensão de textos escritos; em cálculos mentais; e na compreensão de causas e efeitos. É usada no raciocínio e na resolução criativa de problemas, habilidades que exigem manter ideias e fatos em mente para relacioná-los entre si e para propor e embasar soluções.

Diversos estudos, como os de [Alloway & Alloway](#) (2010), [Bull & Scerif](#) (2001), Gathercole e colegas (2004), provam que ter memória operacional e controle inibitório desenvolvidos desde as primeiras séries antecipam a competência matemática e de leitura no Ensino Superior.

Flexibilidade cognitiva

É a capacidade de enxergar um problema em diferentes perspectivas, de maneira totalmente nova, “fora da caixa”, ajustando-o a mudanças ou situações inesperadas. Envolve tirar proveito de uma oportunidade não prevista, contornar obstáculos imprevistos e admitir estar errado ao adquirir mais informações sobre determinado assunto.

A flexibilidade cognitiva auxilia, por exemplo na reinterpretação de algumas cenas do cotidiano. “Se uma criança se comporta mal, a tendência é o adulto que está com ela ficar chateado e achar que há intenções negativas por trás da atitude. A flexibilidade cognitiva, quando bem desenvolvida, leva à seguinte reflexão: ‘Talvez essa criança esteja magoada, ou tenha sido machucada, por isso está empurrando seu agressor, para se defender; ou está me testando para saber se pode se sentir segura comigo’”, exemplifica.

As três funções executivas acima relacionadas levam a outras funções de nível superior, como planejamento, resolução de problemas e raciocínio, as duas últimas relacionadas à inteligência fluida.

“A distinção entre atividades acadêmicas e de aprimoramento é arbitrária. Todas as habilidades de funções executivas, como raciocínio, resolução de problemas, autocontrole, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva podem ser ensinadas com técnicas de sobrevivência na selva, teatro, artes marciais, dança, esportes, carpintaria, composição musical, mecânica automotiva, atividades circenses ou brincadeiras. Tudo isso exige planejamento, perseverança, resolução criativa de problemas... As crianças adoram fazer essas atividades, que não são menos importantes do que conhecer a tabuada ou o número de planetas do Sistema Solar.”

Adele Diamond, durante palestra no Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2019

Como desenvolver as funções executivas

Natureza e alegria

Um [estudo](#) de Calogiuri e colegas, de 2015, demonstrou que as atividades físicas praticadas em contato com a natureza trazem mais benefícios psicológicos e físicos do que as realizadas em ambientes fechados. Outra [pesquisa](#) de Taylor & Kuo (2009), nessa mesma linha, trabalhou com crianças com transtorno do déficit de atenção e aprendizagem (TDAH) e concluiu que elas concentram-se melhor nas tarefas depois de passear no parque. “Os efeitos foram tão positivos que os autores sugeriram ‘doses de natureza’ como forma segura e barata de gerenciar casos de déficit de atenção e hiperatividade”, disse Adele.

A alegria também é um componente importante no processo de aprendizagem, como atestam diversos estudos científicos. A [pesquisa](#) de Yang, Yang & Isen (2013) mostra que a tristeza piora a memória de trabalho e a atenção seletiva – emoções positivas, ao contrário, ativam essas atividades cerebrais. Ashby e colegas concluíram em um [estudo](#) publicado em 1999 que a felicidade aumenta a criatividade e a flexibilidade cognitiva. “Daí a importância de uma pessoa fazer o que gosta. As atividades prazerosas ajudam na capacidade de resolver problemas e no raciocínio; diminuem os

fatores que prejudicam as funções executivas, como o estresse e a solidão; e reforçam as que as apoiam, como alegria e vitalidade física”, afirma Adele.

Contar e ouvir histórias

Narrar exige atenção tanto do contador da história como do ouvinte. Ambas as atividades são indicadas para melhorar a memória de trabalho e a atenção por períodos mais longos. “Mas, para isso, é mais eficaz não usar nenhum recurso visual – como fantoches, fantasias e adereços – para que a criança se concentre nas palavras e estabeleça contato visual com o narrador”, afirma Adele.

Adele chama a atenção para a diferença entre contar (*storytelling*) e ler (*story reading*). A primeira usa apenas a voz; a segunda tem o livro como apoio ao leitor. Quando o objetivo é aumentar o vocabulário e estimular funções executivas, ela aposta no contar, não no ler, citando uma [pesquisa](#) desenvolvida por Gallets (2005) na Educação Infantil e no 1º ano. A mesma história foi contada para um grupo e lida para outro. O vocabulário e a capacidade de lembrar dos fatos narrados foi maior nos participantes do primeiro grupo. “Uma justificativa possível para esse resultado é que quando se lê para alguém, olha-se o tempo todo para a página do livro; já ao contar história de memória, olha-se diretamente para a criança, havendo, portanto, maior interação visual. Em qualquer situação, Adele afirma que o mais produtivo é a conversa que acontece no contexto da narrativa: “É essa interação que leva à melhoria da linguagem e estimula o processo de alfabetização e de amadurecimento do cérebro”.

Sem descartar os benefícios da leitura para os pequenos, a neurocientista sugere que ambas as atividades – contar e ler histórias – estejam presentes na escola: “Os professores poderiam convidar idosos da comunidade para compartilhar com os pequenos as experiências de vida, as lendas e os mitos da época deles. E, claro, deixar que façam perguntas para eles para que haja a conversa”.

Há também uma [pesquisa](#) (Romeo, Leonard, Robinson, West, Mackey, Rowe & Gabrieli, 2018), entre várias, que atesta os

benefícios de se falar com as crianças. Ela prova que as que conversam mais têm maior atividade na região cerebral em que a linguagem é processada – a área de Broca –, o que explica cerca de 50% da relação entre exposição à linguagem na infância e posteriores habilidades linguísticas. “O desenvolvimento da linguagem oral é a base para a alfabetização. Por isso, não é aconselhável forçar a alfabetização na pré-escola. Apenas expor as crianças à linguagem oral faz com que elas adquiram bastante vocabulário. O número e o tipo de palavras usados aos 3 anos, quando mensurados e avaliados, podem antecipar como será o nível de compreensão de leitura que um jovem terá aos 10 anos”, afirma Adele, com base em [estudo](#) feito por Betty Hart e Todd Risley em 1995.

Ela alerta que a demora para começar a ler não significa pior desempenho em leitura na fase juvenil ou adulta. Na perspectiva da evolução humana, o cérebro é predisposto para adquirir a linguagem oral, não a escrita – habilidade relativamente recente na história da humanidade. Por isso, ler e escrever são capacidades que podem demorar mais tempo para que sejam adquiridas. Obrigar uma criança a fazer isso antes do seu tempo provoca sentimentos de frustração e fracasso, prejudiciais à aprendizagem como um todo. Adele cita o exemplo da Finlândia, país no qual meninas e meninos vão para a escola somente aos 7 anos – não recebendo, portanto, nenhum trabalho estruturado para a alfabetização antes dessa idade – e, no 4º ano, apresentam desempenho melhor em leitura do que seus pares de qualquer outro país do mundo.

Aprendizagem ativa e prática

Adele distingue as atividades que geram resultados a curto prazo e as que efetivamente apresentam ganhos a longo prazo. Estudar para provas padronizadas, por exemplo, está no primeiro bloco: “Os professores pressionados a garantir que os alunos tenham bom desempenho nos exames talvez exibam resultados mais altos imediatamente, porém terão estudantes com pior desempenho no longo prazo. O contrário acontece com aqueles que são orientados a facilitar a aprendizagem da turma, sem a pressão para que todos se saiam bem nos exames”.

Por isso, Adele defende que a escola deve focar em atividades que as crianças gostam – aí estão incluídas propostas de esportes, marcenaria, jogos e brincadeiras, artes (dança, teatro, música, artes visuais etc.) e até pequenas funções na organização do dia a dia. “Elas sentem prazer em ajudar os adultos em tarefas domésticas – como encher uma jarra com água, cortar legumes, colocar a comida numa travessa e preparar um suco. Tudo isso ajuda a desenvolver as habilidades motoras finas e brutas e incentivam o uso e o aprimoramento da concentração”, exemplifica Adele.

Aprender envolve o uso do cérebro e também do corpo – logo, o planejamento do ensino deve prever atividades físicas e práticas e não exigir que uma turma fique parada por 15 ou 20 minutos ouvindo instruções verbais. [Pesquisa](#) mostra que quem aprende de forma mais lúdica alcança, posteriormente, resultados melhores do que quem é submetido a métodos diretivos de ensino. “Muitos conceitos podem ser introduzidos com experimentos práticos antes de ser verbalizados. Em jogos como os *pegboards* [abaixo], é possível entender altura e diâmetro sem que esses termos sejam empregados”, diz Adele.



Para crianças entre 3 e 5 anos, ela defende uma Educação Infantil em que elas sejam convidadas a colocar “a mão na massa” e tenham oportunidade de observar os mais velhos na execução de tarefas. “Duas coisas facilitam o aprendizado: fazer e ter a necessidade de resolver um problema. Quando o conteúdo não é relevante ou

o ensino fica somente na teoria, é difícil que se preste atenção”, afirma ela, citando, entre outras, as evidências do [estudo](#) de Freeman e colegas (2014) sobre a aprendizagem ativa.

Edward Melhuish, pesquisador britânico, também foi lembrando durante a palestra de Adele com a [pesquisa](#) que fez sobre a primeira etapa da escolaridade. Ele constatou que, entre os aspectos que indicam a boa qualidade de uma pré-escola estão, em primeiro lugar, dois componentes: a interação compreensiva, afetuosa e disponível entre adulto e criança e a presença de uma equipe com boa formação e comprometida com o trabalho com os pequenos. Somente depois vêm instalações seguras, higiênicas e acessíveis; proporção adulto-criança e tamanho do grupo; coerência nas ações pedagógicas; equipe formada para garantir continuidade, estabilidade e melhoria da qualidade do atendimento; currículo apropriado para as idades atendidas; e envolvimento com os pais.

Para confirmar isso, em 2019, Adele Diamond e D. Ling analisaram todos os diferentes métodos para melhorar as funções executivas, da infância à terceira idade, e constataram que os treinamentos cognitivos não computadorizados são melhores que a maioria dos computadorizados: “O relacionamento carinhoso é o grande impulsor das funções executivas”.

O estresse e as funções executivas

Situações traumáticas na infância podem provocar o encurtamento dos telômeros, um tipo de capa protetora que fica nas extremidades do cromossomo e o protege do desgaste. Adele explica que uma célula pode morrer ou funcionar mal quando essa proteção se reduz, causando inflamação ou tumor. Assim, os telômeros podem ser considerados determinantes no tempo de vida útil das células e, conseqüentemente, do ser humano.

Crianças expostas a duas ou mais experiências adversas precocemente apresentam, com 5 anos, telômeros menores do que as que não passaram por vivências semelhantes. Aos 10 anos, essa diferença pode ser ainda maior. Porém isso pode ser revertido simplesmente com atenção, carinho e calor materno, como mostra

o [estudo](#) de Asok, Bernard, Roth, Rosen & Dozier (2013). “A enzima telomerase, que tem a capacidade de restaurar os telômeros, é produzida pelo organismo e age somente quando não há estresse. A sincera atenção materna, o cuidado e o acolhimento neutralizam as consequências negativas de eventos estressantes”, justifica Adele. Para reforçar esse argumento, outro [estudo](#) realizado por Narayan, Ippen, Harris e Lieberman (2017) provou que os sintomas de estresse pós-traumático não têm impacto significativo em adultos que tiveram experiências positivas com quem lhes proveu cuidados na infância. Adele informa que, infelizmente, os estudos até agora foram feitos em relação apenas à atenção de mães. Contudo, ela acredita que qualquer adulto atencioso consiga os mesmos resultados. “As pessoas precisam sentir-se amadas, respeitadas e valorizadas”, afirma ela.

O estresse e o cérebro

O córtex pré-frontal (*veja ilustração 1*) representa um quarto de todo o cérebro humano e é a área que mais demora para amadurecer – o processo pode durar até depois dos 20 anos. Nessa região são processadas as funções executivas. A tristeza, o estresse, a solidão e a má forma física inundam o cérebro de dopamina, por isso ele é afetado antes de qualquer outra área do organismo. Esse neurotransmissor, em doses exageradas, compromete as funções executivas, impedindo que a pessoa pense com clareza e tenha autocontrole. O desempenho acadêmico, portanto, cai.

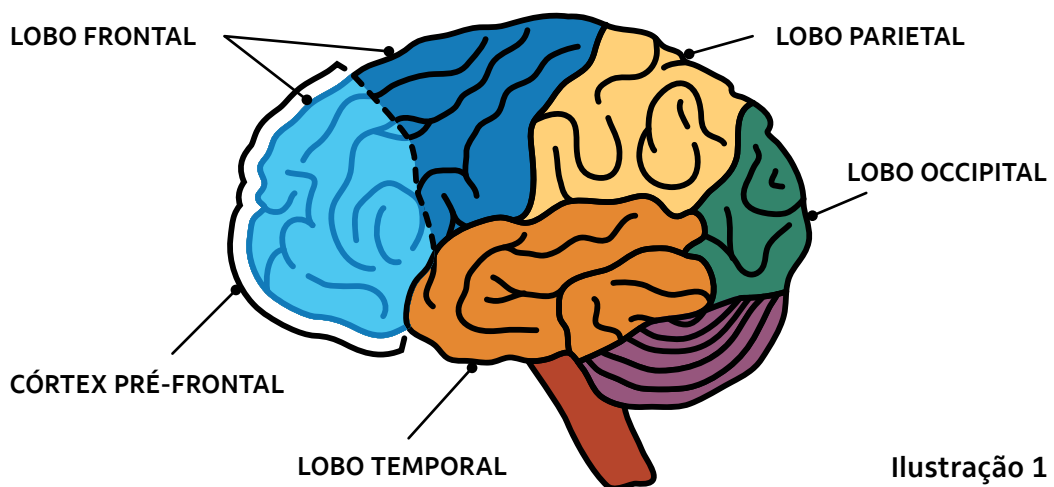


Ilustração 1

“Crianças estressadas podem aparentar ter alguma disfunção, como o TDAH. Portanto, antes de médicos emitirem algum diagnóstico nessa direção, é necessário traçar um histórico familiar para resgatar qualquer possível situação traumática”, aconselha Adele.

Erros e baixas expectativas

O medo de errar pode ser um fator estimulante do estresse. Com receio de não acertar, muitas crianças tendem a não tentar nada de novo nem buscar diferentes soluções para os problemas: “A única forma de não cometer erro é continuar a fazer sempre o mesmo, da mesma forma. Mas aí não há amadurecimento nem crescimento. Ninguém consegue relaxar se estiver ansioso com a possibilidade de passar por situações de constrangimento ou vergonha, preocupado com o que os outros vão pensar ou sentir pressão para ser bem-sucedido”.

Provas e avaliações de qualquer tipo são típicas causadoras de estresse quando o que está em jogo é sobressair-se por ter as maiores notas ou para continuar em uma equipe. Adele acredita que é muito mais provável ter um bom desempenho, qualquer que seja a tarefa, quando o foco está no prazer em realizá-la – não no vencer ou ser o melhor. “A alegria e o desafio de forçar os limites são melhores motivadores que o medo e a ansiedade”, diz ela.

Como exemplo, a neurocientista faz um paralelo com o aprender a andar: uma criança pequena, antes de dar uma sequência de passos firmes, cai e levanta inúmeras vezes, nem por isso um adulto lhe dá nota D ou 4 a ela pelas quedas. Ao contrário, todos à sua volta sabem que as tentativas fazem parte do processo e que, mais cedo ou mais tarde, a criança vai andar. “Por que na escola tem de ser diferente?”, questiona. “Por que atribuir notas baixas a quem precisa de mais tempo para aprender? Ao contrário, elas deveriam ouvir: ‘Não se preocupe, você será capaz de fazer isso. Juntos, eu e você, vamos descobrir uma maneira de chegar lá.’”

As expectativas dos adultos sobre o desempenho da criança têm efeitos sobre a *performance*. Frequentemente, elas são baixas para quem tem deficiência ou antecedentes de mau desempenho. Por vezes, até há altas expectativas, porém raramente os adultos a expressam.

“É importante que pais, professores, médicos e outros adultos falem em alto e bom tom que a criança terá sucesso e encontrará o seu caminho. É com a esperança na possibilidade de sucesso que vem a coragem de não desistir.”

Adele Diamond, durante palestra no
Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2019

Fatores que reduzem o estresse

Adele citou fatores que auxiliam na diminuição do nível de estresse: previsibilidade na rotina, organização do espaço, consistência das atividades propostas, expectativas altas e claras sobre o seu desempenho e clareza sobre o que pode e o que não pode fazer. Menos usual, mas com efeitos igualmente positivos, é ter um animal de estimação na escola para ser cuidado pelos alunos, como provam diversas pesquisas na área da psicologia e da neurociências. “Pets são capaz de ensinar sobre ser paciente e gentil e a não guardar rancor. São muito úteis na construção de um ambiente favorável ao relaxamento”, explicou.

Estar em contato com a natureza e praticar exercícios físicos também contribui para o alívio do estresse, assim como a prática de meditação, ioga, artes marciais, consciência plena (*mindfulness*) e o contato corporal – um abraço, por exemplo –, além de atenção e carinho, o mais importante. “Não somos apenas intelecto, temos emoções e necessidades sociais e corporais. O cérebro não reconhece a divisão entre as funções cognitiva e motora. Os sistemas são sobrepostos e interligados. Dessa forma, as partes cognitiva, social, emocional e física são afetadas umas pelas outras. A melhor maneira de desenvolver cada uma delas é nutrir todas”, afirma ela.

O estresse e outros problemas

Nos encontros com educadores pelo Brasil, Adele foi questionada sobre os conhecimentos da neurociência para esclarecer vários problemas que afetam as crianças e os jovens e para apontar aos

educadores a melhor maneira de lidar com eles. Entre os mais preocupantes apareceram a automutilação, a violência contra a criança, a baixa autoestima e o comportamento agressivo.

Automutilação

A prática em que jovens – a maioria meninas entre 13 e 17 anos – fazem cortes no corpo com lâmina de barbear e canivete, sem a intenção de suicídio, chega a ser considerada epidemia por alguns estudiosos da saúde mental. Segundo Adele Diamond, o adolescente que cultiva essa prática, geralmente, está muito centrado em si mesmo, magoado, tentando fugir da dor psíquica por meio de um sofrimento físico. Ajudar outras pessoas pode ser uma maneira de evitar que o problema apareça. “Crianças e jovens gostam de se sentir úteis e, no contato com realidades de terceiros, a tendência é minimizar o drama ou colocá-lo em perspectiva”, afirma Adele. Ela cita uma pesquisa feita com alunos que iam mal nos estudos. Usando a câmera do computador, eles tinham de discorrer, durante 15 minutos, sobre o que, na opinião deles, existe de errado no mundo. Logo em seguida, ouviam, por igual tempo, um adulto e um jovem falando sobre as competências necessárias para resolver os problemas listados. Nos últimos 15 minutos, deveriam escrever sobre os assuntos abordados e as soluções debatidas. “Os 45 minutos de conversa sobre temas variados foram suficientes para reduzir a ansiedade do grupo pesquisado e a melhorar o desempenho escolar. Focar nos outros é melhor do que focar em si mesmo”, afirmou Adele.

Sair-se bem nas provas, trabalhar para ganhar a vida, saber o que os amigos pensam dele, checar quantos “likes” teve uma publicação na rede social, entre outras, são situações que geram angústia e estresse. Para minimizar essa dor psíquica, nada melhor, segundo Adele, que estimular as crianças a trabalhar no que apreciam e envolverem-se com atividades prazerosas, como circo, música, atividade social etc.: “O importante é gostar do que faz e desenvolver as competências necessárias para executar o que se propõe”.

Violência contra a criança

Crianças que sofreram violência nos primeiros anos de vida, mesmo que não tenham lembrança, ou bebês que foram adotados, passando por um período de abandono, podem ter suas funções executivas comprometidas. Adele Diamond explica: o medo faz com que a amígdala (estrutura cerebral que tem implicações nas reações emocionais) informe o corpo e o cérebro que há perigo à vista. Para que o medo desapareça, é preciso que o córtex pré-frontal (estrutura cerebral responsável por atividades mentais mais racionais) avise que não há mais perigo. Nas crianças que sofrem violência antes de o cérebro ter essa função desenvolvida, a comunicação entre a amígdala e o córtex pré-frontal não funciona. Elas ficam permanentemente ansiosas e em estado de atenção. Com indivíduos que se encaixam nessa descrição, Adele aconselha deixar claro que a escola é um ambiente seguro, onde não há violência nem agressão; garantir uma rotina mais ou menos previsível para não gerar ansiedade pelo desconhecido; dar acolhimento, carinho e atenção, atitudes que confortam e diminuem o medo; e ensinar algumas práticas que acalmam, como meditação e autocontrole. “Finja ser uma tartaruga quando você ficar bravo e respire fundo até passar” é uma frase de efeito, segundo Adele.

Baixa autoestima

A autoestima baixa é causada, geralmente, por tentar fazer algo e não conseguir. Na vida escolar, a pressão por aprender rápido pode ser uma das causas. “Forçar a criança a executar o que ela ainda não consegue ou não se sente capaz faz com que ela se sinta fracassada”, afirma Adele Diamond. A competição, quando cultivada desde muito cedo, também é um fator a ser considerado. Adele conta que, na Noruega, até os 13 anos, não há pontuação para quem pratica esportes; deve-se dedicar a ele por gosto, não para vencer. “No entanto, nas Olimpíadas, esse é um país que sempre tem uma ótima performance”, ilustra. Na Venezuela, outro exemplo: na escola, alunas e alunos aprendem a tocar música juntos, não interessa se erram ou tocam mal. O objetivo não é atingir a perfeição mas apreciar o fazer e o estar juntos.

“Não significa não ter padrões nem oferecer desafios, mas proporcionar momentos de satisfação, em que ninguém se sinta mal por não exibir-se perfeitamente. Isso vale para qualquer atividade.”

Comportamentos agressivos

Adele Diamond acredita que, tanto em casa como na escola, é preciso ter claro o que se constitui um comportamento inadequado. Fazer combinados ainda é uma saída aconselhável. “Quando o limite é claro *a priori*, fica mais fácil chegar a um consenso e a cobrar o cumprimento do acordo quando ele é quebrado”, afirma Adele. Aos adultos, cabe dosar o que é ou não aceitável. Proibir tudo é contra-produtivo. “Melhor focar nas proibições realmente importantes e dar uma certa liberdade às atitudes que não ferem nem desrespeitam ninguém. Fica mais fácil negociar com a criança”, completa a neurocientista.

O que toca as pessoas

Para finalizar, Adele Diamond retomou as propostas que treinam, desafiam e apoiam as funções executivas – que são as mesmas que atendem às necessidades sociais, físicas e emocionais do ser humano: contar e ouvir histórias; ouvir e produzir música; dançar, andar, correr, enfim, movimentar-se, de preferência em contato com a natureza; brincar, jogar e divertir-se. São atividades culturais cultivadas há milênios por todos os povos que existiram em todos os lugares deste planeta.

“O céu é o limite para os jovens que se envolvem em atividades pelas quais são apaixonados, com mentores que os inspiram e instigam a autoconfiança. Concentrar-se exclusivamente em treinar a cognição, como costuma fazer a Educação, talvez não seja a melhor forma de aprimorá-la. O segredo está em tratar as necessidades sociais, emocionais, espirituais e físicas das crianças para que se saiam bem na escola e na vida.”

Adele Diamond, durante palestra no
Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2019



PARTE 2

Palestra Lino de Macedo

O papel dos jogos e das brincadeiras no processo de aprendizagem

“As crianças precisam desenvolver esquemas simbólicos (imaginar, falar, cantar, fazer de conta, imitar, relacionar uma coisa com outra, antecipar, considerar instruções etc.). Os adultos podem ser bons mediadores dessas práticas, mas igualmente bons são os brinquedos, os jogos, os utensílios e os objetos que as crianças manipulam em seu cotidiano.”

Lino de Macedo, durante palestra no Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2019

Membro da Academia Paulista de Psicologia e professor emérito do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Lino de Macedo é especialista no uso de jogos e brincadeiras nos processos de ensino e de aprendizagem. Ele iniciou sua fala citando dados de uma [pesquisa](#) realizada em 2012 pela [Fundação Maria Cecília Souto Vidigal](#) e o Ibope Inteligência, que buscou identificar a percepção e as práticas da sociedade em relação ao desenvolvimento integral das crianças até 3 anos. O brincar é considerado importante para crianças bem pequenas por apenas 19% dos entrevistados, ficando em 4º lugar nas citações, bem atrás do 3º colocado – os cuidados com a alimentação –, citado por 31% dos participantes da mostra.

Constatou-se também que 53% dos adultos acreditam que as crianças começam a aprender somente depois dos seis meses – sendo que 17% acham que o aprendizado se inicia depois de 1 ano; 7%, a partir de 2 anos; e 5%, após os 3 anos. “Isso é preocupante, pois constata-se que boa parte das pessoas que cuidam de bebês está perdendo oportunidades de estimulá-los numa fase muito importante da vida”, afirmou Lino de Macedo. Para ele, jogos e brincadeiras são os meios ideais para provocar estímulos de diversas naturezas e propiciar a interação entre crianças e adultos.

O papel simbólico dos jogos

Enquanto objetos de conhecimento, Macedo organiza os jogos em quatro categorias:

Jogos de percurso – Para ele, são como uma metáfora da vida: têm início, um caminho a percorrer, entradas e saídas, desvios, bloqueios e um fim. Muitas vezes, o desenrolar do jogo compõe uma narrativa, como nos videogames. O desafio é sair de um ponto e alcançar outro vivendo peripécias, fazendo escolhas e arcando com as consequências.

Jogos de alinhamento – O objetivo é montar uma linha, como o jogo da velha, o dominó etc.

Jogos de completar – Envolve classificar, ordenar, encontrar o correspondente, como os jogos da memória e o sudoku.

Jogos de captura – Evocam os tempos em que os ancestrais eram caçadores e festejavam a caça, agradeciam à natureza dadivosa quando tudo dava certo e temiam os deuses quando tudo dava errado. São jogos como xadrez, dama, gamão etc.

O psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), estudioso das fases de desenvolvimento humano, dividiu os jogos em três categorias: de **exercício**, **simbólicos**, de **regras**, acrescentando uma quarta, a de **construção**, intermediária entre o símbolo e a regra.

Jogos de exercício – São jogos cuja forma de assimilação é repetitiva e funcional; o prazer está em fazer de novo. A repetição e o prazer funcional favorecem a construção de esquemas de ação, que, segundo Piaget, são a principal forma de aprendizagem no primeiro ano de vida e a base de futuras operações mentais. São exemplos de jogos de exercícios aqueles que apresentam movimentos repetitivos com partes do corpo, como agitar os braços, correr, pular, emitir sons com a boca etc. Eles começam a ser jogados assim que a criança nasce e têm o seu pico até os 2 anos, embora sejam usados até os 10 anos e adiante – andar de bicicleta ou de patinete, por exemplo, podem ser considerados jogos de exercícios.

Jogos simbólicos – São aqueles em que a criança repete como conteúdo o que assimilou nos jogos de exercícios. A principal característica é a analogia que acontece durante brincadeiras de faz de conta, o melhor exemplo dessa categoria. Nelas, a criança usa uma situação da realidade social ou física e dá o seu próprio significado. Esses jogos são importantes para a compreensão afetiva e racional do mundo, de acordo com os limites cognitivos de cada indivíduo. Brincadeiras desse tipo começam a ser exploradas com 1 ano e meio, têm o seu pico por volta dos 5 ou 6 anos, mas duram por toda a infância e adolescência. Fantasias e mitos também têm o mesmo tipo de assimilação. Tudo isso ajuda na compreensão de diversos temas do mundo adulto e na integração a uma sociedade complexa.

Jogos de regras – Mantendo as características das estruturas dos dois jogos anteriores, os de regras têm como acréscimo a regularidade – ou seja, o “como jogar”, que garante uma forma democrática de intercâmbio entre os adultos e as crianças – e o caráter coletivo – não há brincadeira se não houver adversário, só se avança depois da jogada do outro e, por vezes, o movimento ou a decisão do participante anterior determina a jogada do próximo. Jogos de tabuleiro, de cartas etc. são os exemplos mais comuns. Eles são importantes para o amadurecimento do ser humano por envolver uma situação em que todos, a princípio, têm as mesmas condições e, para ganhar, é preciso fazer antecipações, bolar estratégias, não errar ou errar menos que os demais, usar a atenção e a memória etc. – habilidades que serão cultivadas durante toda a vida. Podem ser explorados a partir dos 3 anos, atingem o seu pico aos 12 ou 13 anos e são usados por toda a vida, com mudanças e aumento de desafios.

Jogos de construção – Essa quarta estrutura abrange jogos que envolvem relacionar peças para montar um quebra-cabeça ou construir objetos lúdicos (brinquedos). Para usufruir deles, é preciso atenção, concentração, entendimento da sequência dos procedimentos necessários e perseverança para chegar ao final. Por volta dos 3 anos

é possível começar a brincar com esses jogos, com peças grandes e simples, e é possível praticá-los por toda a vida. Um pouco mais difícil de compreender por envolver não somente a história da humanidade mas também características sociais é a divisão proposta por Jean-Marie Lhôte, engenheiro e escritor francês que estudou a evolução dos jogos no tempo e em diversas sociedades. No entendimento dele, os jogos podem ser divididos em quatro categorias:

O prazer de estar junto – São os jogos em que a ilusão e a intuição preponderam (mímica, faz de conta, “agora eu era...”, cirandas etc.).

A sorte dos sonhos – Compreendem os jogos de azar e os que envolvem adivinhação (cartas, tabuleiros, varetas, bilhar etc.).

A magia dos objetos – O mistério e a fascinação do objeto em si (bola, pião, carrinhos, bonecas etc.).

A ordem do mundo – Jogos competitivos que envolvem correr riscos (jogos de regras, esportes coletivos, sudoku etc.) e se equilibrar entre o caos e a ordem.

“Jogos e brincadeiras têm um valor integrativo, de reconciliar a criança, o ser humano, os velhos, os adultos e as pessoas de um modo geral com a sua condição de humanidade, seja pela alegria, pela graça, pela gratidão, pelo reconhecimento da natureza e da divindade, seja pelo sofrimento, pela tristeza ou pelo luto. Cantar, dançar, jogar, rir e festejar, entre outras manifestações culturais, são formas de o ser humano agradecer, reconhecer vicissitudes de uma vida que foi e é muito difícil para o ser humano”, afirma Macedo.

Os jogos e as oportunidades de Educação Integral

O Marco Legal da Primeira Infância, de 2016, em seu Art. 3º, determina que, para assegurar os direitos das crianças, é “dever do Estado de estabelecer políticas, planos, programas e serviços para

a primeira infância que atendam às especificidades dessa faixa etária, visando garantir seu desenvolvimento integral”. Macedo ressalta que, quando se trata dos pequenos, direito não implica responsabilidades e deveres, como acontece com os adultos, mas necessidades: “Elas precisam receber o que é fundamental ao processo de crescimento e aprendizagem e ser protegidas contra todas as formas de violência e riscos”. O brincar está entre as necessidades essenciais do ser humano, principalmente na fase inicial da vida.

Contudo, é preciso estar atento. Das definições de brincar presentes nos dicionários, boa parte delas tem um sentido negativo – por exemplo, “fazer zombaria de, debochar; agir com leviandade ou imprudência em relação a; não levar a sério; não mostrar interesse por” (definições retiradas do *Dicionário Houaiss online*). Há também as positivas, que são nas que os educadores apostam: distrair-se, entreter-se, correr, pular, desfrutar. Daí a importância de atividades como jogos e brincadeiras estarem presentes em ambientes educadores, como o da escola, para que sejam observados o respeito e a boa convivência entre os participantes.

Dessa forma, os jogos e as brincadeiras terão sempre um valor positivo, com as crianças e os jovens exercitando-se na sua integralidade, usando o corpo, os sentidos, o cérebro, a intuição, as emoções – uma oportunidade para o desenvolvimento físico, emocional, social, cognitivo e neurológico. Macedo afirma que, no brincar e no jogar, o ser humano se coloca por inteiro. Essas atividades exigem habilidades que serão essenciais em toda a vida, como raciocinar, planejar, antecipar, fazer suposições, observar o outro, argumentar, respeitar o adversário e ser respeitado por ele – afinal, sem um adversário o jogo não acontece –, conhecer e elaborar emoções relacionadas a vencer e perder, ter agilidade para mudar estratégias que não sejam eficazes e autocontrolar-se.

Por envolver tantos fatores, jogos e brincadeiras se encaixam na proposta de Educação Integral, que significa, para Macedo, também valorizar, dedutivamente:

- o **integrado**, referindo-se à necessidade de a Educação ser feita juntamente com outros atores e instituições, de forma compartilhada e intersetorial, numa relação de complementaridade entre escola, família, serviço de saúde, sistema judiciário e demais entidades responsáveis pela criança;
- a **integração**, investindo-se na criança e garantindo a ela um tempo presente intencional e planejado, o que exige dos adultos responsabilidades em relação aos investimentos públicos; e
- a **integridade**, o direito que a criança tem de ser protegida de abusos físicos e verbais; da negligência, indiferença ou permissividade dos adultos, para evitar que atos negativos comprometam a sua autoestima e prejudiquem o seu futuro.

PARTE 3

**Palestra Flávio Vasconcelos
Comim**

**Artes e esportes:
caminho certo – e
democrático – para
a boa Educação**

“Com a melhor das intenções, a gente quer melhorar a aprendizagem no país, mas fazemos o contrário. Enquanto as crianças ricas têm aulas de inglês particular, praticam esporte no clube, viajam com os pais – ou seja, têm todos os ‘extras’, – a Educação dos mais pobres é empobrecida, com a eliminação das artes e do esporte do currículo. Se isso está acontecendo, então estamos indo na direção errada. Se realmente se deseja melhorar, é preciso pensar com igualdade.”

Flávio Comim, durante palestra no Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2019

Professor associado da Universidade Ramon Llull, em Barcelona, na Espanha, e professor afiliado da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, o economista Flávio Vasconcelos Comim apresentou, durante sua palestra no Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2019, uma pequena parte dos resultados da revisão de literatura sobre a relação entre as artes, os esportes e o desenvolvimento humano integral com foco em crianças do Ensino Fundamental ([acesse aqui](#) a íntegra do documento).

Ele começou sua fala fazendo uma provocação: “As escolas não foram criadas com boas intenções”. A justificativa para essa afirmação é que as instituições de ensino sempre serviram ao poder. “Na França, logo depois da Revolução Francesa [1789-1799], as escolas tinham a função de controlar as pessoas; na Inglaterra, com a Revolução Industrial [a partir dos anos 1760], formavam mão de obra para o mercado de trabalho”, completa.

Em sua opinião, essa adaptação da escola às necessidades da sociedade (“Para que serve a escola?”) deveria ser melhor discutida, principalmente quando se fala sobre currículo, para evitar que as políticas públicas educacionais tomem rumos equivocados. Uma contradição acontece, segundo Comim, quando, para melhorar a Educação, tira-se da grade escolar algumas atividades para concentrar esforços e investimentos apenas em aspectos que são mensurados. “Muita coisa importante fica de fora quando se valoriza apenas as disciplinas que são avaliadas em provas padronizadas. Artes e esportes, por exemplo, são mais difíceis de

ter os resultados evidenciados no curto prazo, porém os benefícios que trazem são evidentes, como mostram várias pesquisas, como as que levantamos nessa revisão de literatura”, afirma Comim. Além disso, ele advertiu, a falta dessas atividades pode excluir boa parte do público escolar – justamente os alunos que vêm de classe social mais baixa –, o que não é desejável em um sistema educativo que se pretende justo e equitativo.

As razões da arte e dos esportes

Atividades artísticas integram-se ao mundo contemporâneo altamente visual, além de serem apreciadas por todos e um fator de atratividade e inclusão.

No levantamento realizado por Comim e um grupo de alunos da Universidade de Cambridge, foram listadas as razões que atestam a importância das artes e dos esportes no desenvolvimento integral e humano: “Não é somente porque dá mais graça ao que as crianças fazem e elas gostam. É porque são atividades que dão significado ao mundo”.

Artes

“O mundo das artes nos ajuda a dar sentido à vida. Amplia nossas possibilidades, nossas linguagens, nossas ferramentas, representações, caminhos de entendimento e alternativas de comunicação. O mundo das artes torna o nosso mundo maior.

Podemos dar sentido à vida a partir de texturas, cores, formas, palavras específicas, movimentos, vocalizações, surpresas e tantos outros modos múltiplos de pensar e sentir o que vivemos. Faz parte de ser humano e tornar-se humano ser capaz de dar sentido às coisas e à vida a partir da arte.”

Flávio Comim, Artes e Esportes – Relação com o Desenvolvimento Humano Integral, 2019, p. 44

As razões da importância das artes são, segundo o relatório:

A diversidade – Há ações e intervenções artísticas variadas

capazes de atender a diversos gostos e aptidões não somente na escola mas também no ambiente familiar e em espaços públicos como museus, teatros, cinemas, salas de exposições, shows etc.

O valor intrínseco e não apenas instrumental – Apesar de grande parte dos estudos focar os benefícios da arte em outros campos (valor instrumental), não é possível negar o próprio valor que têm a dança, as artes visuais, o teatro, a música e outras manifestações típicas do mundo contemporâneo.

O desejo e a necessidade – As artes são essenciais no mundo contemporâneo, pois não apenas ajudam no desenvolvimento de competências e habilidades já estabelecidas como promovem aspectos humanos desejáveis, como motivação e envolvimento. Qualquer tipo de arte permite uma construção de conhecimento de forma multimodal – por meio de diferentes linguagens e organizações espaciais – que atinge mais estudantes. Constitui-se num estilo ativo de aprendizagem.

A adequação ao mundo atual – As artes, com suas linguagens diversas, podem ser fator de aproximação do mundo atual, imagético e estetizado, com uma pedagogia ainda baseada na palavra escrita, mesmo que o advento da tecnologia tenha levado computadores e outros dispositivos para a sala de aula.

A adequação ao mundo futuro – Em um cenário em que a inteligência artificial vai tomando postos no mercado de trabalho e modificando as relações sociais, uma Educação mais “mão na massa” e criativa talvez seja o caminho de preparação das próximas gerações para uma realidade futura. Criatividade e produção são dois dos pilares do ensino da arte, que, reforçando, pode contribuir – e muito – no aprimoramento de competências alinhadas com o futuro.

Dos diversos estudos citados na revisão de literatura, destaca-se o de LaFee, de 2007, e o de Engdahl, de 2012. O [primeiro](#), feito com base no documento elaborado cinco anos antes pela Arts Education Partnership (AEP), conclui que alunos que praticam dança, música, teatro e têm contato com as artes visuais e plásticas apresentam melhor desempenho em leitura, escrita e matemática, em comparação com os que seguiram o currículo normal. Conforme relatório de Comim, LaFee concluiu que:

- “a música melhora o raciocínio espacial-temporal das crianças;
- o teatro, por meio do drama, aprofunda o entendimento sobre a narrativa e o comportamento humanos;
- a dança ensina persistência e contribui para a melhoria de autoconfiança individual e o desenvolvimento social do grupo; e
- as artes plásticas auxiliam os estudantes a interpretar o mundo de modos novos e diferentes”.

O [segundo estudo](#), de Engdahl, relaciona os resultados de um projeto de Educação de artes realizado no East Bay Center, na Califórnia, que teve os seguintes impactos nos alunos:

- melhoria na capacidade de pensar criativamente e realizar conexões;
- aprendizagem de habilidades e técnicas artísticas;
- desenvolvimento de “consciência estética”, considerada uma competência-chave para o século XXI;
- desenvolvimento de modos alternativos de entender o mundo;
- engajamento com questões cívicas e sociais;
- criação de novos canais de expressão dos estudantes; e
- desenvolvimento pessoal (ver menos televisão, ajudar mais a comunidade, maior chance de chegar até a universidade).

Esportes

“Dentro de uma perspectiva de desenvolvimento humano, o objetivo das atividades físicas e do esporte

deve ser não apenas a promoção de desempenho individual e de consequências instrumentalmente positivas para crianças e jovens, mas também a redução das desigualdades e inclusão daqueles membros menos aptos.”

Flávio Comim, *Artes e Esportes – Relação com o Desenvolvimento Humano Integral*, 2019, p. 69

Estabelecida a diferença entre atividades físicas (ações que envolvem movimento que podem ou não ser escolares ou esportivas), esportes competitivos (o objetivo é o alto desempenho e a vitória), esportes para o desenvolvimento (competição, superação e outras metas) e Educação Física (foco na parte pedagógica), Comim relaciona os benefícios de todos eles e, não menos importante, os cuidados que os educadores devem ter para que os efeitos não sejam o oposto do desejado.

Começando pelos efeitos positivos, diversos estudos citados com mais detalhes no relatório de Comim apontam que as atividades esportivas trazem benefícios para:

O desenvolvimento motor – Atividades corriqueiras às crianças pequenas – correr, saltar etc. – são fundamentais para o posterior aparecimento ou aprimoramento de habilidades esportivas. A falta delas pode levar à não proficiência nos esportes.

O desenvolvimento cognitivo – O impacto das atividades físicas ocorre tanto nas habilidades necessárias ao processo de alfabetização como na concentração, na memória, no processamento cognitivo e no comportamento, além da melhoria do foco para o desempenho em qualquer atividade.

As funções executivas – Benefícios já explicitados na [palestra](#) de Adele Diamond.

A cooperação e a capacidade de resolução de conflitos – A prática de jogos cooperativos ou de improvisação incentiva

a abrir mão da individualidade para atingir objetivos comuns, estimulando o entendimento e o sentimento de pertencimento.

A autonomia e a capacidade de liderança – Participar de esportes competitivos promove a consciência sobre a responsabilidade pessoal e coletiva, o senso de equipe e o estabelecimento de objetivos.

O estresse – Bastante eficazes quando associados ao contato com a natureza.

A saúde das crianças, no curto e longo prazos – Bem conhecidos os benefícios nessa área, como a prevenção à obesidade e a diminuição da incidência de doenças crônicas, ansiedade e depressão.

A promoção de valores – Quando desenvolvidos por organizações da sociedade civil, os programas de esporte podem associar as atividades a mudanças de comportamento e atitude.

A autoestima e outras habilidades não cognitivas – Principalmente durante a adolescência, as atividades físicas ajudam no aumento da autoestima e da autoconfiança, além do aprimoramento de habilidades psicoemocionais.

O mercado de trabalho – Estudos evidenciam uma correlação entre prática esportiva, maior participação no mercado de trabalho e melhoria das condições profissionais, entre outros fatores, por desenvolver valores em comum aos dois campos, como esforço para atingir as metas, seguir regras, trabalhar em equipe e cooperar.

Em contrapartida, é preciso ter muito cuidado ao propor atividades físicas e esportivas para crianças e jovens. A pressão por competição e sucesso e/ou circunstâncias excludentes são nocivas e provocam sentimentos de inferioridade e/ou incompetência,

ansiedade, humilhação e atitudes antiesportivas.

Diante dos benefícios evidentes e dos cuidados necessários, o relatório faz uma lista de proposições específicas e outras mais gerais para que o lado negativo não prepondere. São elas:

- Não aplicar penas ou castigos envolvendo a diminuição de tempo de recreio.
- Não estabelecer resultados mais baixos de desempenho físico para meninas e jovens, para não acontecer uma profecia autorrealizável.
- Pensar em atividades físicas na escola como algo além da aula de Educação Física, incluindo também o recreio e os hábitos de alimentação saudáveis.
- Não limitar a atividade física à escola, pois hábitos de vida saudáveis dependem também do ambiente familiar.
- Considerar uma reestruturação da rotina escolar para contemplar as atividades físicas por, no mínimo, 30 minutos diários, que podem ser planejadas para antes das atividades acadêmicas.
- Contemplar vários esportes para que todos experimentem diversas modalidades e a diversidade de preferências e aptidões seja atendida.
- Considerar, no ano letivo, a duração da atividade ou do treinamento para que todos tenham tempo necessário para ganhar habilidade e se sentir competentes na prática da modalidade.

Uma sequência lógica

Diante de todas as evidências constatadas na revisão da literatura, Comim questiona: “Será que, de fato, a gente quer melhorar a Educação tirando do currículo das escolas públicas atividades em áreas que os filhos das classes mais ricas têm acesso em instituições particulares? Todos os estudos mostram que artes e esportes têm um impacto consistente e decisivo no desempenho acadêmico e ajudam os educadores a ficar mais próximos de algumas crianças, que, de outro modo, não ficariam”.

Para resultados positivos, Comim ressalta a importância de uma sequência que começa com a formação de professores, que devem ser respeitados na sua liberdade, na sua autonomia e no seu protagonismo. É importante também a elaboração de um portfólio de atividades físicas – esportivas ou não – no âmbito escolar, que contemple esportes cooperativos e competitivos e demais ações que envolvam movimento corporal; uma variada lista capaz de atender a trajetórias diversas, sem ser excludente. A avaliação também deve ser repensada, deixando de lado o teste de desempenho físico e adotando medidas processuais centradas no esforço e na participação dos alunos. As medidas de resultado podem ser formadas, por exemplo, por variáveis de saúde.

“Há experiências e emoções que só são expressas de forma plural. Crianças precisam ter à disposição as mais diversas linguagens e ferramentas para contar histórias e atribuir sentido aos fatos”, finalizou Comim.

PARTE 4

Debates

Angela Dannemann — Adele, você nos daria alguns exemplos sobre como nós, adultos, podemos usar, no dia a dia, as três áreas das funções executivas citadas por você?

Adele Diamond — A melhor maneira de melhorar a disciplina, a perseverança e a flexibilidade cognitiva é reduzir o estresse. Há muitas maneiras: respirando fundo três vezes antes de uma apresentação ou um exame e reunindo-se frequentemente com pessoas que possam oferecer apoio – como os encontros periódicos de professores na escola, nos quais são compartilhados dilemas e soluções. Também é preciso praticar. No início, esse treino pode ser com atitudes simples, como fazer uma rota alternativa no caminho de casa para o trabalho ou, em vez de discordar imediatamente de um ponto de vista diferente, parar e pensar: “Deixa eu tentar analisar isso pela sua perspectiva”.

Angela Dannemann — Lino, você falou muito da importância secular dos jogos e das brincadeiras, contudo muita gente ainda acha que essas atividades são apenas diversão. Como você consegue, nas suas palestras e nas formações que dá, convencer as pessoas da seriedade e da importância dos jogos e das brincadeiras?

Lino de Macedo — Eu concordo com a crítica de que, às vezes, os jogos podem atrapalhar o compromisso dos professores de ensinar conteúdos disciplinares. Sempre é um risco: é possível trabalhar muitos elementos da Matemática, por exemplo, usando jogos, mas não se pode reduzir a aprendizagem da Matemática aos jogos. Tem horas em que é fundamental tratar do conceito na sua identidade científica. Na escola, não é aconselhável ser reducionista e fazer do tempo da sala de aula uma grande brincadeira. Tem a diversão, mas também tem a hora séria, da “coisa chata”. O outro extremo também não é bom: aula séria o tempo todo é cansativo. Na academia de Platão [*filósofo grego, 428-348 a.C. aproximadamente*], as pessoas se reuniam com uma pulcra de vinho e conjecturavam sobre a vida, filosofavam. No *quadrium* [*conjunto de disciplinas que, com o *trivium* – Gramática, Dialética e Retórica –, formavam o currículo da Educação carolíngia*], aprender música era uma das formas de estudar os números, assim como a aritmética, a

geometria e a astronomia. Logo, reduzir o ensino a jogos não é bom; o ideal é colocar os jogos a serviço do ensino e da aprendizagem.

Um aspecto fundamental também é lembrar que a escola deve ser para todos. Portanto, há de se usar estratégias para atender às diversas maneiras de aprender. O problema é que ninguém pergunta para as crianças – principalmente para as que vêm de camadas sociais historicamente excluídas –, como a escola pode ser boa para elas. Jogos e brincadeiras, assim como os esportes e as artes, podem ser as estratégias adequadas para atingi-las e para fidelizá-las à escola.

A caixa de ferramentas do professor brasileiro é construída *a priori*. É preciso haver uma discussão curricular que contemple a diversidade, ensine a criança a “aprender a aprender”, ofereça alternativas à avaliação tradicional e reconheça a importância das artes, dos esportes, dos jogos e das brincadeiras.

Angela Dannemann — Flávio, você acha que outros economistas, que talvez não conheçam a sua linha de estudo sobre o desenvolvimento humano – principalmente aqueles que ajudam na tomada de decisões nas secretarias da Fazenda ou do Planejamento –, estão abertos para as evidências que você traz de que os recursos para a Educação devem ser usados também para promover o ensino de artes, esportes e outras atividades que ajudam a impactar positivamente os resultados acadêmicos?

Flávio Comim — Minha primeira impressão é que não, os economistas não estão abertos. Sei que vários colegas veem a Educação como parte de uma função de produção: tem-se o insumo e a tecnologia, então é preciso ter um resultado a ser medido – no caso da Educação, com notas. Isso é importante para o mercado de trabalho. Muitos pensam que é preciso acabar com a desigualdade para o país crescer economicamente, mas eu acho que é preciso, sim, acabar com a desigualdade mas para ter uma sociedade mais civilizada e justa, em que não haja separação entre as

pessoas. Aristóteles [*filósofo grego, 384 a.C.-322 a.C.*] já falava sobre isso em sua *Ética a Nicômano*. Os economistas sabem disso, mas têm dificuldade para entender que o objetivo da ação social não é aumentar produtividade. Edmar Bacha [*economista que participou da equipe econômica que concebeu o Plano Real, em 1994*] dizia que o PIB é o “felicômetro” dos ricos. Em uma sociedade em que 1% da população tem 30% da renda nacional e o restante não tem nenhuma perspectiva de vida decente, ter um PIB alto não significa muito. Acho que a gente precisa encarar os economistas de frente e dizer a eles que a economia tem de funcionar para a sociedade e não a sociedade para a economia. Temos de pensar numa sociedade boa, não numa sociedade que cresce. Quando as redes de proteção social são eliminadas e a assistência aos mais pobres diminui, o futuro não acontece.

Pergunta da plateia — Com inserir as funções executivas na formação de professores e educadores?

Adele Diamond — Todos os professores sabem que os alunos aprendem mais fazendo do que ouvindo. Contudo, na formação pela qual eles passam, não aprendem a ensinar assim, mas a expor e a passar lições. Esse foco tem de mudar para que comecem a ajudar as crianças a se autocontrolar. Os docentes também precisam de respeito que não deve vir apenas do discurso, mas de ações concretas, como dar voz a eles e chamá-los a decidir sobre o que e como ensinar e, igualmente importante, ter confiança de que estão fazendo o melhor que podem. Quando os professores participam das escolhas, comprometem-se com a execução. Sendo tratados com respeito, tratarão as crianças do mesmo modo, confiando nelas e na sua capacidade de aprender. Na Finlândia, por exemplo, os padrões são tão altos para ser professor que os que não são aceitos no magistério vão para a área de pesquisa. Lá não é qualquer pessoa que ensina. As exigências são grandes e paga-se muito bem aos professores. Todos os respeitam porque sabem que são as pessoas mais bem formadas que estão atuando na sala de aula. Quando não se recompensa bem o trabalho,

a mensagem é de que aquela função não é valorizada. Os governos precisam entender que não há nada mais importante do que ensinar, por isso quem está nessa profissão precisa ser remunerado adequadamente.

Lino de Macedo — A especialização exagerada do conhecimento científico levou à fragmentação do saber. Arte, filosofia, literatura e religião são formas de conhecimento que cuidam da totalidade do ser humano, não de suas partes. Infelizmente, o conhecimento escolar está impregnado dessa fragmentação, do conhecimento científico que dá conta do particular, não do geral. Professores de todas as áreas precisariam recorrer às artes, aos jogos, às linguagens diversas e a outros recursos parecidos para fazer uma Educação mais global. Buscar esse todo – filosófico, humanista – deveria ser o foco das formações docentes, juntamente com o específico de cada área do conhecimento.

Pergunta da plateia — Como a escola e as demais instituições podem apoiar as famílias que, muitas vezes, sentem-se fragilizadas em seu papel e enfrentam dificuldades em lidar com os filhos?

Adele Diamond — A primeira coisa a reconhecer é que todas as pessoas merecem respeito. As crianças, os parentes, os professores. É comum que as escolas menosprezem as famílias desfavorecidas e achem que pessoas pobres não são bons pais e boas mães. Assim como é preciso sempre focar nos pontos fortes de cada criança, deve-se buscar os pontos fortes de cada família. Isso ajuda os pais a sentir que outras pessoas estão vendo o esforço que fazem para educar os filhos. Quando um bebê nasce, todos querem ser bons pais e fazer o melhor. Ninguém quer falhar. Porém nem todos sabem como agir ou têm ideias equivocadas sobre como atuar. Eles também precisam de orientação. Na cidade em que moro, estão sendo distribuídos vídeos para pais de “primeira viagem”, explicando como dar banho no bebê e ler uma história para ele. Isso ajuda nos cuidados básicos. Outra iniciativa positiva é tentar reduzir o estresse das famílias. Existe um programa nos Estados Unidos que treina alunos

de graduação para conversar com as famílias que aguardam para serem atendidas nos postos de saúde. Enquanto esperam o atendimento médico, os jovens conversam com as pessoas e perguntam se precisam de ajuda para alguma coisa. Pode ser para preparar um currículo para enviar para uma empresa, dedetizar o apartamento ou ainda conversar com o locador para negociar o aluguel, enfim, qualquer situação que seja fonte de estresse para as famílias. Os estudantes são bons em usar a internet e encontrar soluções. Com menos preocupações e tensões familiares, os problemas de saúde diminuem. Muitas doenças têm causas sociais, e curando-as, as doenças desaparecem. Ajuda muito também promover encontros entre famílias para que compartilhem seus problemas, marcar um dia por mês para preparar uma refeição coletiva e falar de suas experiências e dificuldades, por exemplo. Esse apoio social é muito importante para as famílias.

Lino de Macedo — Do ponto de vista antropológico, sempre foi função da família – sobretudo das mães – cuidar da criança pequena. Contudo, no século XXI, as mulheres têm outras ocupações. O projeto de educar os filhos mudou e precisa ser compartilhado com outros atores. Muitos pais não se sentem qualificados para essa função. As famílias precisam, então, de apoio nessa tarefa complexa, o que é fundamental para o presente das crianças e para o futuro do mundo.

Flávio Comim — Se as famílias amarem as crianças, sempre vão fazer um bom trabalho. Amar significa dar valor. Não adianta só dizer “eu te amo” e não tomar providências quando a filha ou o filho precisam de apoio. O valor é definido por práticas e atitudes. Outro problema é que o passivo social no Brasil é enorme. Muitos pais não se envolvem com a Educação dos filhos porque não se sentem capazes e dizem “o estudo não é importante, eu não tive isso”. Quando há esse menosprezo pelo conhecimento, o estrago é enorme. Então é preciso ser mais criativo para resgatar esse passivo social de quem passou pela escola, porém a escola falhou com eles. Talvez seja possível criar

centros civilizatórios – ou algum nome mais bacana – frequentados por pais, filhos, avós e quem quiser, para que todos façam coisas juntos. As próprias escolas poderiam promover isso.

PARTE 5

Relatos dos territórios

Na parte da tarde, uma representante de cada território subiu ao palco para contar um pouco sobre o trabalho do Redes de Territórios Educativos e o impacto do Ciclo de Debates em Gestão Educacional para os educadores locais.

Aquiraz

Lina Maria Machado de Souza, representando o Redes de Aquiraz, contou um pouco sobre a história do município, que tem 320 anos. Primeira capital do Estado do Ceará, Aquiraz está dividida em oito distritos, onde atuam as organizações da sociedade civil. “Tudo funcionava muito bem quando havia parceria com o governo municipal. Porém algumas gestões não deram continuidade aos projetos e muitas organizações fecharam por falta de parceria”, disse Lina.

Quando o Redes de Territórios Educativos chegou a Aquiraz, em 2018, houve uma retomada dos trabalhos das instituições. Um grupo gestor com dez representantes teve formação logo no primeiro ano e houve aproximação entre as organizações e entre elas e o poder público, assim como busca de parcerias para a realização de projetos. Para Lina, o seminário de 2019 com a presença de Adele Diamond e Lino de Macedo fortaleceu a convicção de todos de que se está no caminho certo nas propostas de atividades para as crianças e os jovens.

Lina contou que, logo após o seminário, aconteceu um festival das OSCs em que as crianças atendidas mostraram seus talentos. “Aquiraz é um município que tem grande tendência a ter trabalho infantil, por ser uma cidade de praia. Nosso papel também é impedir que isso aconteça e, portanto, buscamos conversar com as famílias e os jovens para oferecer a eles opções no mundo das artes e dos esportes”, concluiu Lina.

(Para saber mais sobre os encontros com educadores sociais em Aquiraz, clique [aqui](#).)

Lembranças de Aquiraz

Adele Diamond — Conhecemos uma oficina de instrumentos musicais na Tapera das Artes e vimos como as crianças são criativas, construindo instrumentos lindos e originais com objetos que não têm mais utilidade – como painéis velhos, calculadoras que não funcionam, canetas sem tinta etc. Fiquei impressionada com o encontro que tivemos com a primeira-dama do estado do Ceará e a equipe de governo que cuida de programas para a primeira infância.

Lino de Macedo — Senti que naquele território há, de fato, uma intersetorialidade, uma articulação, uma integração de todas as ações voltadas às crianças e aos jovens. Lá, a alma e o corpo de todos estão impregnados de arte. As pessoas que geram os projetos e participam deles não o fazem somente porque veem utilidade, mas porque gostam. É um estado que tem negros, indígenas, quilombolas, todos irmãos numa mesma situação.

São Luís

Maria Eliane Feitosa Rêgo, representante do Redes de São Luís, lembrou, com muito orgulho, que a capital maranhense foi fundada por franceses e tem o status de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, título concedido em 1997 pela Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação (Unesco). Porém, nem tudo são louros no município: “Temos, por exemplo, o bairro da Liberdade, conhecido pela violência. Mas o trabalho com arte e cultura conseguiu reverter e dar outro tom ao local”, afirmou Maria Eliane, citando iniciativas como a criação do Museu do Reggae e dos grupos de jovens que praticam danças como o tambor de crioula, o bumba meu boi e as africanas.

O número de escolas comunitárias para a Educação Infantil, segundo ela, supera o de unidades da rede municipal. Há também bibliotecas comunitárias nas quais são desenvolvidos projetos culturais e educativos integrados com as escolas públicas, principalmente relacionados à leitura e à formação de leitores.

As organizações sociais chegam a cerca de 150 e há 92 que participam do programa Redes de Territórios Educativos, parceria

entre o Itaú Social e o Cieds, que desde 2015 atua no município. “Foi um desafio para nós formar um grupo focado na Educação Integral. Tivemos de sair da lógica do esforço individual de cada entidade para entrar na de um trabalho coletivo”, disse a representante são-luisense. Na capital maranhense, o grupo articulador do Redes é formado pelas organizações da sociedade civil e as secretarias de Assistência Social e da Educação. Todos passaram por formação durante um ano para saber, entre outras coisas, como fazer o diagnóstico do território para mapear as demandas, elaborar projetos em conjunto e estabelecer parcerias para concorrer a editais de financiamento. “Promovemos reuniões temáticas para debater questões como a família, a infância e outros temas que nos ajudam na nossa atuação.”

A culminância do trabalho é o seminário anual, que este ano teve a presença de Adele Diamond e Lino de Macedo. “Achávamos que estávamos fazendo atividades complementares apenas. Com a fala desses especialistas, vimos que estamos mesmo fazendo Educação”, completou Maria Eliane.

Lembranças de São Luís

Adele Diamond — Foi a cidade em que mais tivemos contato com os jovens, o que foi fantástico. Todos entusiasmados com a nossa visita. Tivemos duas reuniões com os gestores de programas de atendimento a crianças e adolescentes. Em um deles, conhecemos jovens que fazem teatro, dança e poesia, além de desenvolver trabalhos científicos.

Lino de Macedo — Mais do que organizações da sociedade civil, o que vimos foram organizações socioculturais integradas à vida escolar e social. Foi a segunda vez que visitei São Luís e notei fortemente a presença de diversas culturas na cidade, como os franceses e os africanos.

(Para saber mais sobre os encontros com educadores sociais em São Luís, clique [aqui](#).)

Várzea Grande e Cuiabá

Tânia Regina de Matos, membro da Defensoria Pública do Estado e da Liga de Reestruturação das Irmãs Ofendidas no Seu Sentimento (Lírios), que faz atendimento psicossocial às mulheres vítimas de violência, representou o Redes de Territórios Educativos do município mato-grossense. A Lírios atua desde 2014 e nasceu de uma audiência pública na Câmara Municipal de Várzea Grande que debateu violência doméstica. O Grupo Espírita Fraternidade cedeu espaço para os primeiros atendimentos, feitos por profissionais da área da saúde, que prestam serviço sem remuneração.

Maria Ivone Paes da Veiga, representante do Redes de Cuiabá e gestora da organização Fé e Alegria, disse que o processo de trabalho em conjunto das organizações sociais da capital mato-grossense foi inspirado na experiência de Várzea Grande. “Iniciamos investigando o território com discussões no Fórum das Criança e dos Adolescentes de Mato Grosso, instância em que foi apresentada a proposta de parceria com o Cieds e o Itaú Social.” O Redes tem cerca de 150 instituições cadastradas, que atendem, em média, 13 mil crianças e jovens. As formações dos educadores geralmente têm a presença de representantes de 40 instituições. “Em 2018 focamos na formação de conselheiros e de lideranças colaborativas, assim como em parcerias, porque aprendemos que não podemos fazer nada sozinhos”, afirmou ela.

O território de Cuiabá foi dividido em regiões, devido ao tamanho da cidade, para que fosse possível conhecer a realidade mais de perto e focar na experiência e nos problemas de cada localidade. “Nosso desafio é continuar crescendo – ainda somos um grupo pequeno, mas com muita garra. Para isso, queremos despertar nos outros a vontade de transformar e sonhar com algo diferente”, finalizou.

(Para saber mais sobre os encontros com educadores sociais de Várzea Grande e Cuiabá, clique [aqui](#).)

Lembranças de Várzea Grande

Adele Diamond — Os gestores sociais que conhecemos em Várzea Grande formavam o grupo mais diversificado de todos: havia policiais, advogados, pedagogos, médicos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, religiosos e pessoas com outras formações. Esse foi o ponto de maior destaque para mim.

Lino de Macedo — O que mais me chamou a atenção foi quanto se valoriza a luta pelos direitos da mulher, das crianças e dos adolescentes, com todos assumindo essa defesa como se fosse uma política pública.

Lembranças de Cuiabá

Adele Diamond — Em todos os lugares que fomos, as crianças se apresentavam bem ensaiadas, com muito talento. A reunião com os educadores também foi incrível, com colocações intensas e sensíveis dos problemas. Tivemos conversas maravilhosas.

Lino de Macedo — Nas visitas em Cuiabá, fiquei pensando em como a gente poderia pensar em rede, mas em outra escala... numa escala em que as crianças ensinam os adultos – e eu nem sei se a gente consegue aprender com elas! Isso porque as crianças não pertencem a ninguém, nem a um município. Apesar de nascer numa determinada localidade, nunca se sabe onde vão morar. Por isso é preciso que os educadores tenham empatia, carinho e atenção e deem uma ótima Educação a todas as crianças, pois elas são do mundo. Então rede, para mim, é cada município dar o melhor para suas crianças, para que todas as cidades juntas formem uma rede mundial.

“Eu gostaria de aplaudir o trabalho das ONGs e das comunidades e a atuação do Itaú Social por apoiá-las. Foi muito inspirador e enriquecedor visitar os programas e ouvir os educadores e as crianças. Ficou muito clara a maneira pela qual vocês estão fazendo a diferença da vida de todos. Muitas vezes pode ser desanimador e pode-se pensar que se faz pouco perante a enorme necessidade e demanda; pensar

que se atinge poucas crianças quando há tantas a ser alcançadas. Mas quero deixar aqui uma pequena história: em uma cidade litorânea, certa vez, uma ressaca do mar deixou na areia uma grande quantidade de estrelas do mar, que morreriam se ficassem muito tempo fora da água. Então um homem começou a pegar uma por uma e devolver ao mar. Alguém vendo esse gesto advertiu-o que ele não conseguiria salvar todas. Ao que ele respondeu: 'Bem, pelo menos eu vou salvar essas'. Ele fez a diferença."

Adele Diamond, no encerramento do Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2019



PARTE 6

**O Ciclo de Debates
nos Seminários das
Redes de Território**

Aquiraz: preocupação com automutilação e suicídio juvenil

O III Encontro dos Territórios Educativos de Aquiraz aconteceu no dia 25 de novembro no teatro do Centro Cultural Tapera das Artes e contou com a participação de cerca de 400 educadores. Cidade do litoral cearense, a 30 quilômetros de Fortaleza, Aquiraz participa do programa Redes de Territórios Educativos desde fevereiro de 2018. Segundo o Perfil das Organizações da Sociedade Civil (OSC) da cidade, publicado em 2019 pelo Cieds, cerca de 20% das crianças, adolescentes e jovens até 19 anos residentes no município são atendidos por alguma OSC.

Das atividades realizadas em parceria com as escolas públicas, as instituições declararam que acompanham o rendimento e a frequência escolar e realizam ações conjuntas com as famílias e comunidades. Em menor escala, participam de ações relacionadas ao projeto político-pedagógico e têm algum tipo de envolvimento com o Mais Educação (programa do governo federal para promover a educação integral com a ampliação da jornada escolar). Além disso, desenvolvem iniciativas diretamente com os familiares, como cursos e oficinas, apoiam as pessoas que estão procurando emprego, oferecem atendimento psicossocial e ofertam cestas básicas, entre outras doações.

Cerca de 85% das OSCs têm mais de dez anos de atuação. A maioria depende de trabalho voluntário (68,5%) e faz parte de espaços de controle e articulação social, como conselhos municipais (83%).

Adele Diamond e Lino de Macedo, convidados do Ciclo de Debates em Gestão Educacional 2019, palestraram para cerca de 400 educadores sociais e professores da rede pública, falando, respectivamente, das [funções executivas do cérebro e como desenvolvê-las em crianças e jovens](#) e [do papel de jogos e brincadeiras na Educação Integral](#).

Encontro com gestores de projetos sociais

No dia seguinte ao seminário, Adele e Lino reuniram-se com 20

educadores sociais e representantes de entidades da sociedade civil e do poder público, como as secretarias municipais da Educação, da Saúde e da Assistência Social, conselhos comunitários e municipais de Aquiraz. O encontro foi aberto por Claudia Sintoni e Camila Feldberg, respectivamente, da área de Pesquisa e Desenvolvimento e de Fomento do Itaú Social, e pela secretária de Educação de Aquiraz, Lúcia Veras.

Uma das principais preocupações levantadas foi o aumento dos casos de automutilação e suicídio entre jovens. Entre as possíveis causas para esse fato, os participantes apontaram a dificuldade de aceitação do jovem pelo grupo; competição, incentivada muitas vezes pela própria escola e pelas redes de ensino; abuso sexual e violência doméstica na infância. Adele Diamond afirmou que a internet também pode ser apontada como uma das fontes de ansiedade, infelicidade e estresse na adolescência – todos agentes causadores de grande parte das doenças: “Há remédios para mascarar todas as doenças, mas não para curá-las. Em caso de automutilação ou de males que acometem o organismo, é preciso descobrir as fontes da infelicidade ou do estresse para atacá-las”.

Preservação da cultura e suporte dos adultos

Adele cita o exemplo triste dos povos indígenas dos Estados Unidos: nas comunidades cuja cultura foi destruída, o índice de suicídio juvenil é alto; nas que tiveram seu modo de vida preservados, tende a zero. “Daí a importância de estar conectado com a cultura de origem”, afirma ela. Crianças e jovens precisam saber que têm valor e ser reconhecidos pelo que fazem de melhor. Isso pode se concretizar, segundo a neurocientista, de várias maneiras, algumas bem simples, como deixar que façam o que gostam e ter ao lado pessoas que acreditem que eles possam executar aquilo a que se propõem.

Lino de Macedo lembrou que a sociedade moderna exige adultos que se autogovernem e sejam livres, mas nem sempre preparam as crianças e os jovens para esse desafio: “Antigamente os adultos governavam a vida dos filhos até a fase adulta e se tinha clareza do que era ou não permitido. Hoje a liberdade chega mais cedo para os jovens, e a adolescência – que já não era fácil, pois é a

época de abandonar a referência familiar para construir a própria identidade sexual, profissional, cultural – complicou-se ainda mais”. Para ele, muitas crianças têm um suporte em casa para atravessar a tormenta da adolescência; outras, não. Provavelmente, são essas que não tiveram oportunidade de ter adultos que as ajudassem que não veem saída para suas angústias.

Adriana Patrício, da OSC Tapera das Artes, ressaltou a importância do resgate da cultura tribal – em que todos são responsáveis pela criança – e de como o programa Redes de Territórios Educativos contribui nesse sentido ao reunir diversos atores para um trabalho conjunto pela infância. Ricardo Gadelha, músico na mesma instituição, afirmou que não é necessário tirar as crianças das ruas para que não fiquem expostas à violência: “Quando elas ocupam as ruas de maneira correta, com arte e brincadeiras, não há lugar para a violência”.

Encontro com a primeira-dama do estado do Ceará

Na tarde do dia 26 de novembro, o grupo do Itaú Social teve um encontro com Onélia Santana, primeira-dama do estado do Ceará, e assessores do governo estadual que trabalham com assistência social e atendimento à primeira infância. Onélia expôs os principais itens do [Mais Infância](#), projeto implantado em agosto de 2015. Ele foi desenhado com base no resultado de um amplo levantamento feito pelo governo estadual para saber quantas famílias beneficiadas pelo [Bolsa Família](#) estavam em estado de extrema vulnerabilidade. Chegou-se ao número de 40 mil, sendo 38 mil na zona rural. “Com esse dado, o governador determinou que todas as políticas públicas do estado fossem voltadas para essa população”, disse Onélia.

O Mais Infância tem quatro frentes de atuação:

- **Tempo de nascer** – redução da morbimortalidade materna e perinatal por meio de atendimento à gestante e ao recém-nascido.
- **Tempo de crescer** – capacitação de profissionais das áreas da educação, saúde e assistência social para

fortalecer vínculos familiares e comunitários com foco no desenvolvimento infantil. Envolve, entre outras iniciativas, visitas de equipe multiprofissional ao domicílio; formação de agentes comunitários de saúde, gestores escolares, médicos e enfermeiros que atendem gestantes e crianças; e criação de núcleos de atendimento a crianças com atraso no desenvolvimento psicomotor.

- **Tempo de brincar** – construção e revitalização de espaços públicos que garantam o direito da criança ao brincar, tais como praças com brinquedos para diversas faixas etárias (Brinquedopraça), quadra poliesportiva, playground, bicicletas etc. (Praça Mais Infância) e o Arte na Praça, programa com atividades culturais e de lazer.
- **Tempo de aprender** – universalização do direito de creche e pré-escola para todas as crianças, qualificação dos Centros de Educação Infantil (CEI) e fortalecimento das famílias para os cuidados com os filhos.

Onélia destacou ainda o programa Mais Nutrição, realizado com o Ceasa de Maracanau, no qual 50 toneladas de alimentos que seriam descartadas semanalmente são utilizadas como base para a fabricação de sopas desidratadas e polpa congelada de frutas. O destino final desses produtos são as organizações da sociedade civil que atendem crianças.

Adele Diamond elogiou os programas e sugeriu que as famílias beneficiadas fossem convidadas para colaborar com as iniciativas: “Participar de eventos em comunidade – preparação de uma refeição coletiva, por exemplo – é um dos fatores que ajudam a reduzir o estresse das famílias e, em consequência, também das crianças”. E completa: “Em qualquer idade, é melhor aprender a fazer algo do que receber pronto”.

Em relação às praças, Adele sugere que também sejam disponibilizados materiais com os quais as próprias crianças possam confeccionar seus brinquedos: “Foi provado que as crianças pobres têm mais criatividade do que as ricas, pois estas últimas

têm brinquedos prontos à disposição, enquanto aquelas criam os objetos com os quais vão interagir na brincadeira, seja dando um novo uso às peças disponíveis, seja construindo-os com sucata”.

As visitas às casas das crianças do programa Mais Infância foram elogiadas por Adele, que contou que uma organização não governamental em Dallas, nos Estados Unidos, faz isso com diferentes objetivos, como ensinar a mãe a brincar e interagir com os filhos por meio dos brinquedos e a contar histórias.

São Luís: cultura em alta e preocupação com a violência

Desde 2015, o programa Redes de Territórios Educativos atua em São Luís, capital maranhense, com o objetivo de qualificar os espaços educativos da sociedade civil que trabalham com crianças, jovens e adolescentes e promover a integração entre eles. Em 2019, o Ciclo de Debates em Gestão Educacional juntou-se ao IV Seminário Nacional e ao I Seminário Internacional da Rede de Educação Integral de São Luís para discutir a importância da arte, dos jogos, das brincadeiras e do esporte na educação. O evento aconteceu no dia 28 de novembro no Centro Pedagógico Paulo Freire da Universidade Federal do Maranhão e teve a participação de cerca de 600 educadores.

As palestras de [Adele Diamond](#) e [Lino de Macedo](#) foram entremeadas com apresentações culturais – declamação de poesia, recital de flauta, coral e apresentação de danças – e relatos das experiências de instituições que trabalham com crianças e jovens. O educador Ronald Sá contou sobre sua experiência na UEB Rosário Nina, no bairro periférico de Fátima, em que organiza oficinas de dança, teatro, coral e xadrez para os alunos, além de aulas de reforço em Matemática e Língua Portuguesa, nos dois períodos.

Representando a UEB Ronald da Silva Carvalho – Anexo Terceiro Milênio, Magda Bogéa lembrou do início da parceria, em 2015, com o Cieds e o Itaú Social, que permitiu incrementar projetos que começaram tímidos, na unidade do Habitacional Turu, e depois se espalharam para outras escolas municipais. A iniciativa consiste em organizar oficinas de grafite e rodas de conversa com escuta ativa das crianças, entre outras atividades.

Andressa de Carvalho Machado, coordenadora do Circo Escola, localizado no bairro Cidade Operária e vinculado à Secretaria Municipal da Criança e Assistência Social (Semcas), mostrou as atividades circenses, musicais, artísticas e esportivas que a instituição oferece para cerca de 100 crianças e jovens entre 6 e 17 anos. Em 2018, iniciou-se a parceria com a ONG Natureza, Arte, Vida e Educação (Nave) para a coordenação dos trabalhos.

Conhecendo as OSCs

No dia seguinte ao seminário, foram realizadas visitas a duas organizações sociais da capital maranhense. Na parte da manhã, Adele Diamond, Lino de Macedo e a equipe do Itaú Social se dirigiram à Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato, onde cerca de 100 alunos do Instituto Educacional Maanaim e jovens da comunidade são atendidos no contraturno para atividades como a Batucada Literária (declamação de poesia com performance musical e corporal) e teatro. Tanto a biblioteca quanto a escola são geridos pelo Instituto Mariana.

Alguns estudantes do 9º ano da escola, também frequentadores da biblioteca, fizeram demonstração de um projeto de Ciências em que reproduzem o experimento do inventor croata Nicholas Tesla (1856-1943), que muito contribuiu no campo do eletromagnetismo.

Os nove alunos que participaram da Batucada Literária conversaram sobre suas experiências na Monteiro Lobato. Eles explicaram que, para frequentar as oficinas, é preciso ter boas notas e frequência regular na escola. Amanda Araújo, 13 anos, adora os debates: “Na sala de aula a gente não fala muito, mas aqui temos momentos de reflexão bastante profundos sobre os mais variados assuntos”. Seus colegas de turma, Mikael Iago, 13 anos, Agatha Kettle e Tainara Moreira, ambas com 14 anos, são entusiastas da produção teatral que fazem anualmente e contam que buscam temas próximos a eles, como os dramas da adolescência, para explorar nas encenações. “Já abordamos o uso de drogas e os direitos previstos no ECA”, explica Tainara. A peça sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), aliás, é sempre convidada para ser exibida em outras escolas da rede municipal.

O trabalho com os jovens que a Biblioteca Monteiro Lobato faz já tem desdobramentos. Dos frequentadores das oficinas regulares, surgiu o grupo Moviearte (Mudando Vidas Através da Arte), formado pelos próprios alunos. Eles promovem visitas regulares a comunidades carentes para entrega de mantimentos, apresentação de dança e teatro, demonstração de jiu-jítsu e mediação de leitura.

O Instituto Maanaim, que fica do outro lado da rua em que está

a Biblioteca Monteiro Lobato, também recebeu Adele e Lino. Era o dia da X Feira do Conhecimento e todos os estudantes – cerca de 340 – estavam preparados para falar sobre os estudos ambientais realizados durante 2019, que tiveram como temas o desenvolvimento sustentável, a energia renovável e o meio ambiente. Alunos de uma turma de 2º ano exibiram uma maquete interativa construída por eles sobre o sistema de captação de energia das marés e ondas.

Preocupação com a cultura local e a violência

O Centro Beneficente Nossa Senhora da Glória, no bairro de Alemanha, foi a segunda instituição visitada. Criado em 1985, atende cerca de 200 crianças e jovens entre 3 e 14 anos, oferecendo atividades de reforço escolar e oficinas de dança e arte afro-brasileiras no contraturno. Uma mostra sobre a história da capoeira, do *reggae* e do *bumba-meu-boi* e uma apresentação de tambor de crioula, dança típica maranhense, atestaram o valor que a organização dá às manifestações culturais do estado nas atividades que disponibilizam em sua sede.

Após a visita à exposição, cerca de 25 gestores públicos, de organizações sociais e de escolas públicas da região, reuniram-se com Adele Diamond para uma conversa sobre os problemas enfrentados pelos educadores sociais e pelos professores – a maioria relacionados a comportamentos agressivos.

A neurocientista lembrou que, quando crianças e jovens apresentam comportamentos violentos, a origem pode ser o estresse, que tem as causas mais diversas, como tensões na própria família do aluno; pressão de familiares, professores e do grupo para um alto desempenho; violência doméstica ou abuso sexual. A baixa autoestima, que tem origem no insucesso, também é causadora de estresse. “O primeiro passo é procurar reduzir a ansiedade da criança e, para isso, é preciso oferecer atividades em que ela tenha interesse. Nada melhor do que ouvi-la para saber o que gosta de fazer. Existem atividades que sempre são bem-vindas para esse público, como a dança, a música e a prática esportiva. Trabalhos comunitários também têm efeito positivo”, afirma Adele. (*Leia mais sobre o estresse infantil clicando [aqui](#)*)

Várzea Grande e Cuiabá: reforço de parceria com a Educação

A banda de percussão melódica da Escola Municipal de Educação Básica Dirce Leite de Campos e o coral Canto e Encanto do Centro Educacional Professora Salvelina Ferreira da Silva foram os responsáveis por saudar os cerca de 500 participantes do IV Seminário de Territórios Educativos de Várzea Grande e Cuiabá, que aconteceu no dia 3 de dezembro de 2019 no auditório da Igreja Batista Nacional (IBN) Cristo Rei.

Desde 2015, os municípios mato-grossenses fizeram um pacto pela Educação Integral e participam do programa Redes de Territórios Educativos, uma parceria do Itaú Social com o Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Social (*Cieds*). No evento de 2019, receberam Adele Diamond e Lino de Macedo, convidados do Ciclo de Debates em Gestão Educacional.

Depois das palavras de acolhimento dos anfitriões, Rosimeire Fialho, professora da rede municipal de Várzea Grande e uma das gestoras do programa Redes de Territórios Educativos do município, lembrou a história da mobilização das organizações sociais da região: “Já existiam muitas iniciativas sendo realizadas com as crianças e os jovens, porém uma instituição não sabia o que a outra fazia. Com o Redes, pudemos nos conhecer melhor e trabalhar em conjunto, dando eficiência e visibilidade às nossas ações”.

Com a mediação de Josandra Carmona Mendes, o primeiro painel teve a participação de três organizações não governamentais. Elisabeth Oliveira Teodoro, secretária de Assistência Social da cidade de Nossa Senhora do Livramento, explicou as frentes de atuação da Rede de Enfrentamento da Violência Doméstica e Familiar, organização da sociedade civil (OSC), da qual ela é diretora. Segundo Elisabeth, dos 25 casos de feminicídio ocorridos no estado em 2018, 18 foram em Várzea Grande: “Criamos uma rede de proteção às mulheres vítimas de violência doméstica, fazemos a capacitação permanente de assistentes sociais, policiais militares, guardas civis, psicólogos e agentes comunitários de saúde e

participamos de um núcleo de pesquisa sobre o tema no Centro Universitário de Várzea Grande (UniVag). A Patrulha Maria da Penha, formada por membros da Guarda Civil Metropolitana e da Polícia Militar, oferece acompanhamento para as vítimas. Há ainda um serviço de acompanhamento para homens agressores”.

A OSC VG+Ação foi representada por Marciany Bustamante, filha da idealizadora do projeto, dona Lola. Ela conta que tudo começou com uma reunião entre amigos para desenvolver ações sociais nos bairros mais carentes da cidade em parceria com a rádio local. Os voluntários começaram a se agregar – hoje são 250 – e atualmente a entidade promove eventos nos quais oferece serviços de saúde (clínico geral, ginecologia, pediatria, psicologia, nutricionista, exame oftalmológico) e de beleza (corte de cabelo masculino e feminino, limpeza de pele etc.). As escolas públicas do bairro geralmente são o espaço em que as ações acontecem, mobilizando a comunidade local e oferecendo atendimento aos alunos da rede pública e seus familiares. “Hoje não damos conta de atender a todos os pedidos – temos 97 escolas na fila para atender em 2020”, conta Marciany.

Maria Ivone Pais da Veiga, coordenadora do Redes de Cuiabá, contou que a cidade realizou vários encontros para formar conselheiros e membros do grupo gestor e fez levantamento sobre o perfil das OSCs atuantes, publicado em 2019 em parceria com o Cieds. Os resultados extraídos dos questionários respondidos por 29 entidades apontam que 8% das crianças e jovens residentes no município são atendidos por alguma entidade que oferece acompanhamento psicossocial, cursos, oficinas e apoio para inserção no mercado de trabalho (21% das respondentes). A maioria (77,8%) faz acompanhamento do rendimento e da frequência escolar dos atendidos. Poucas (16,7%) têm algum tipo de envolvimento com o programa Mais Educação, de ensino em tempo integral. “Já temos uma parceria consistente com as secretarias municipais de Assistência Social e Saúde e estamos caminhando para fortalecer o trabalho com a Secretaria da Educação”, afirmou Maria Ivone.

Após a [palestra de Adele Diamond](#), aconteceram nove oficinas – uma delas foi sobre [Jogos e Brincadeiras, com Lino de Macedo](#).

Encontros com gestores e educadores sociais

No dia seguinte ao seminário, Adele e Lino compareceram a dois encontros com o pessoal que trabalha “na ponta” em Cuiabá. O primeiro foi no Sesc Mato Grosso e reuniu 25 pessoas entre assistentes sociais, articuladores do Redes, educadores das ONGs e representantes das secretarias municipais de Educação, Saúde e Assistência Social.

A primeira dúvida que surgiu foi sobre como consolidar um bom trabalho em rede. Lino de Macedo citou um provérbio africano que diz: “Se quiser ir mais rápido, vá sozinho; se quiser ir mais longe, vá em grupo”. Também lembrou os diversos significados da palavra *rede*: “Em muitos lugares do Brasil, é o lugar em que se dorme, descansa e namora. Pode também significar conexão – elétrica ou neural, por exemplo”. Para ele, o segredo para que um trabalho em rede dê certo é ter confiança nos parceiros e apostar que cada um está dando o seu melhor para o projeto.

Havia também dúvidas sobre como trabalhar com autistas e seus familiares. Adele disse que os autistas costumam ficar frustrados porque não conseguem se comunicar verbalmente. Por isso, quem tem caso de autismo na turma precisa capacitar-se para usar diferentes linguagens, principalmente imagens e sinais visuais, e ter sempre uma rotina predefinida, pois, para quem apresenta esse tipo de transtorno, a imprevisibilidade causa insegurança. Como crianças autistas geralmente gostam de música, essa arte deve fazer parte das atividades desenvolvidas com elas.

Além disso, a neurocientista afirmou que envolver as demais crianças na resolução dos problemas é fundamental para o bom clima da sala de aula: “Caso haja algum comportamento inadequado de algum aluno, autista ou não, o professor pode explicar para a turma o que aconteceu e pedir sugestões de como ajudar o colega a se acalmar ou a se comunicar”. Aliás, solicitar que as crianças ajudem a encontrar soluções para qualquer questão é uma estratégia que pode ser usada em qualquer caso. “Elas têm saídas surpreendentes”, disse Adele.

Tecnologia e desinteresse

Foi consenso entre os participantes que as crianças chegam à escola superestimuladas pela tecnologia e os respectivos aplicativos de jogos e mídias sociais que a acompanham. A dúvida dos participantes do encontro era se a falta de tecnologias na escola pode ser uma das causas do desinteresse e da desmotivação. Adele alegou que a ciência ainda desconhece todos os efeitos que tecnologias como o celular, o tablet e o computador têm sobre o cérebro humano, mas afirmou que há evidências de que elas perturbam o sono – e uma noite maldormida determina o ânimo e a atenção do dia seguinte. Por isso, esses aparelhos não devem ser usados antes de dormir. Durante o dia, o acesso também deve ser controlado, pois é consenso que permanecer conectado durante muito tempo não é bom. Aconselha-se que crianças até 5 anos fiquem no máximo uma hora por dia; as mais velhas, duas; e adolescentes, até três horas.

O desafio nesses casos é encontrar atividades que as crianças e os jovens gostem de fazer para substituir a tecnologia, porque certamente não se envolverão com nada que não for de seu interesse. Conversar com eles é uma das melhores maneiras de saber o que os atrai para investir no planejamento de propostas que contemplem as preferências, mantendo a flexibilidade para olhar os interesses de todos e de cada um.

Lino de Macedo lembrou que os eletrônicos são os jogos da vez. Com eles, o adulto não tem um papel preponderante como quando se trata de jogos analógicos – que é o de ser parceiro na brincadeira. Para Macedo, os mais velhos, nesse caso, têm a função de dosar o tempo que as crianças vão passar com essa diversão e aferir a qualidade dos jogos acessados por elas. Proibir, para ele, não é o caso, mas impor limites é fundamental. Mesmo indo contra a onda, cabe aos adultos continuar a cultivar os jogos tradicionais e, sempre que possível, apresentá-los aos menores brincando com eles. “São produtos socioculturais que se aprendem jogando e observando os outros jogarem. Não podem morrer.”

Outro alerta dado pelo psicólogo é de que as crianças aprendem muito reparando nas atitudes de quem as acompanha no dia a

dia: “Elas percebem como os pais e os professores lidam com a tecnologia, e a tendência é imitá-los”. Lino lembra também que as crianças precisam participar de atividades que envolvam os cinco órgãos dos sentidos. O celular, por exemplo, é sensorial e tátil (*touch*), auditivo e visual (“chega a ser tóxico, de tão exageradamente auditivo e visual”, observa ele), mas não é sensitivo, pois lhe faltam elementos para atender ao paladar e ao olfato.

O luto e a tristeza

Jessyka Leite, representante da Associação de Assistência às Crianças com Câncer de Mato Grosso, levantou a questão do luto. A entidade atende cerca de 400 crianças, e a morte é um tema sempre presente, inclusive nas brincadeiras. “Um dia as crianças organizaram o velório de uma boneca e disseram que viram um espírito na capela”, contou. Adele observou que situações como essas são fundamentais para que elas entendam o que acontece com elas e com os colegas e para expressar sentimentos: “Não é preciso inibir essa brincadeira; basta ajudá-las a não entrar em pânico por causa do fantasma. A brincadeira é maravilhosa”.

Trabalho interdisciplinar

O encontro à tarde foi com educadores de Várzea Grande e aconteceu novamente no IBN Cristo Rei. Compareceram cerca de 30 pessoas entre gestores de organizações sociais, formadores de professores de diversas etapas da escolaridade, membros da defensoria pública e da universidade local.

Uma das questões levantadas foi como sensibilizar os educadores da saúde, da educação e da assistência social que resistem à formação e ainda têm uma postura de culpabilizar a própria criança ou os pais pelos problemas de aprendizagem e de comportamento – até em casos de abuso sexual, segundo relatos dos participantes. “Todos os adultos que trabalham com crianças precisam de suporte emocional e social e não podem trabalhar sozinhos”, lembrou Adele. Para ela, ter tempos e espaços de troca de experiências e vivências com colegas e com formadores mais experientes ajuda a diminuir o estresse dos educadores e a entender que o estresse das crianças não é culpa delas, mas de outras circunstâncias que estão afetando-as.

Lino de Macedo ressaltou que é preciso ter consciência de que, em alguns casos, a solução do problema não está nas mãos dos educadores: “Existe um limite nessa função que deve ser respeitado. Quando necessário, é fundamental acionar outros profissionais, como psicólogos, médicos etc., que têm formação para atender a casos extremos, como a violência contra a criança”. Em sua opinião, casos de abuso sexual, por sua complexidade, exigem discussão e atuação interdisciplinar.

Alguns educadores questionaram sobre a importância de desenvolver as funções executivas nas crianças desde a Educação Infantil. Adele respondeu alertando que o mais importante, em qualquer aprendizagem, é respeitar o ritmo de cada um. “Forçar qualquer aprendizado pode trazer a sensação de incompetência na criança, que será prejudicial no futuro”, disse ela. Muitos pais e professores ficam ansiosos para que filhos e alunos aprendam a ler e a escrever o mais rápido possível. Isso não é positivo, pois a ansiedade passa para a criança, e esse sentimento inibe o desenvolvimento.

“Os professores também necessitam desenvolver o controle inibitório”, disse Adele citando uma das funções executivas do cérebro. Para que eles aprendam a controlar a ansiedade e estejam menos sujeitos ao estresse, a neurocientista aconselha a prática de *mindfulness*, ioga, tai chi chuan e meditação e a participação em grupos de apoio.



Polo de
Desenvolvimento
Educatonal